



**Guias e Escoteiros Católicos do Brasil**  
Movimento Escoteiro Católico Brasileiro

# **LIVRO BRANCO**

**UNIÃO INTERNACIONAL GUÍAS E ESCOTEIROS DA EUROPA – UIGSE-FSE**  
**&**  
**ASSOCIAÇÃO GUIAS E ESCOTEIROS CATÓLICOS DO BRASIL – AGEBR**  
Movimento Escoteiro Católico Brasileiro

---

**Associação Guias e Escoteiros Católicos do Brasil – AGEBR**  
Movimento Escoteiro Católico Brasileiro

Afiliada à UIGSE-FSE, reconhecida pelo PONTIFICIUM CONSILIUM PRO LAICIS  
como Associação Internacional de Fieis de Direito Pontifício. Decreto 1465/08/AIC-15a de 26/08/2008.



## **PREFÁCIO**

### **1.1. UMA CONSTATAÇÃO**

Os Estatutos, a Carta de Princípios do Escotismo Europeu e o Diretório Religioso, são os textos fundamentais do nosso Movimento e são suas referências absolutamente necessárias. Contudo, escritos há dezenas de anos, num contexto singularmente diferente do atual, a leitura destes documentos pode tornar-se difícil. Em 1985, “vinte anos depois da redação da Carta do Escotismo Europeu (1965-1985), pareceu-nos útil fazê-la acompanhar de um comentário esclarecedor do seu conteúdo e expressão”. Estes textos fundamentais definem as grandes orientações do Movimento, mas os princípios gerais neles contidos não são adequados para regulamentar os problemas do cotidiano.

O Regulamento Interno da Associação Guias e Escoteiros Católicos do Brasil – AGEBR é, por natureza, mais preciso e define essencialmente o modo de administração e funcionamento da associação.

### **1.2. UMA NECESSIDADE**

Desde já, parece-nos útil que os nossos interlocutores externos (Estado, Igreja, instituições, mídia...), bem como os responsáveis do Movimento, qualquer que seja a sua posição na hierarquia, e os pais, possam referir-se a um texto simples que delimite com precisão o quadro da nossa ação ao serviço dos jovens. Este Livro Branco constitui para nós uma espécie de regras do jogo e apresenta com toda a transparência as principais posições do Movimento. Cada um pode assim ter uma visão global e clara das orientações da nossa Associação de escotismo ao nascer do 3º milênio.



### **1.3. UMA ESTRUTURA**

#### **As orientações fundamentais**

Movimento Educativo – Católico – pelo Escotismo

#### **As regras de funcionamento interno**

Hierarquia – Uniforme – Cerimonial – Formação Segurança – as condutas inadmissíveis

#### **A nossa relação com o mundo**

Juventude – Outros Movimentos – Escotismo Internacional Igreja – Estado – Política



## **2. ORIENTAÇÕES FUNDAMENTAIS**

### **Permanência do nosso método educativo**

#### **2.1 MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO**

##### **2.1.1. UM MOVIMENTO EDUCATIVO COMPLEMENTAR À FAMÍLIA**

Fundada no Brasil em 2019, a Associação Guias e Escoteiros Católicos do Brasil – AGEBR define-se como um movimento de educação. Considera-se, juntamente com a escola, como complementar à família que é responsável pela criança num primeiro nível. Convidamos a família a tomar conhecimento das nossas “regras do jogo” tal como são apresentadas de seguida, e a aceitá-las. O Movimento compromete-se em troca a respeitar essas mesmas regras.

##### **2.1.2. UM MOVIMENTO DE JOVENS E PARA OS JOVENS**

O Escotismo foi criado no início do século XX por Baden-Powell (B.P.) a partir de uma longa experiência com jovens e da observação do rapaz (das suas necessidades e das suas características psicológicas), mas também da verificação da insuficiência do sistema educativo tradicional e das dificuldades de certas famílias. Baden-Powell procurou formar jovens cidadãos alegres e úteis ao seu país. O método escoteiro contribuiu assim para formar milhões de jovens, rapazes e moças. Enriquecido por uma experiência de quase um século, o Escotismo mantém-se surpreendentemente moderno e adaptado aos jovens dos nossos dias.

O método escoteiro, tal como foi concebido pelo seu fundador, enriquecido ao longo do tempo pela experiência vivida, visa o desenvolvimento equilibrado de todas as dimensões do ser humano (corpo, caráter e alma) ajudando os jovens:

- a fortalecer a sua personalidade;
- a desenvolver a sua saúde física e moral;
- a adquirir o sentido do concreto;
- a saber colocar-se ao serviço dos outros;
- a descobrir o sentido espiritual da sua vida.

---

**Estes cinco objetivos do Escotismo são conhecidos também como**



cinco fins.

Se partilharmos os objetivos e princípios de todas as Guias e de todos os Escoteiros do mundo, reivindicamos, por isso, o direito de propor às famílias e de garantir o método educativo tal como ele foi imaginado pelo fundador do Escotismo, Baden-Powell, e enriquecido pelo Padre Sevin, SJ. É a esta herança que se referem as Guias e Escoteiros da Europa.

Para responder às necessidades e esperanças do jovem, a AGEBR e as Guias e Escoteiros da Europa vivem e propõem um método educativo, moderno e atual, cujas características essenciais e fundamentais são:

- A confiança dada ao jovem, baseada num compromisso livre;
- A vida escoteira no quadro dos pequenos grupos autônomos segundo três ramos de idade;
- Uma educação diferenciada para rapazes e moças;
- A vida na natureza e na sociedade.

### **2.1.3. A CONFIANÇA DADA AO JOVEM, BASEADA NUM COMPROMISSO LIVRE**

O Escotismo leva o jovem a sério, propõe-lhe caminhadas adaptadas a cada idade, considera-o sempre capaz de se comprometer pela sua palavra. A confiança baseia-se na Promessa, compromisso livre e solene de cumprir a Lei do Escoteiro, carta da vida comum.

### **2.1.4. A VIDA ESCOTEIRA SEGUNDO TRÊS RAMOS DE IDADE**

A vida escoteira no quadro dos pequenos grupos autônomos segundo três ramos de idade:

- Ramo Amarelo (Lobismo) – Lobinhos e Lobinhas (8-11 anos), organizados em Alcateias e Clareiras de 24 crianças no máximo; adaptação à vida em comunidade;
- Ramo Verde (Escotismo e Guidismo) – Escoteiros e Guias-menores (12-17 anos) divididos em Patrulhas de Escoteiros ou Guias: a responsabilidade no jogo escoteiro;



- Ramo Vermelho – Pilotos e Guias Piloto (acima de 17 anos), agrupados em Clãs ou Chama: para a responsabilidade adulta e serviço.

Esta repartição em três ramos de idade (os Ramos Pedagógicos) respondem à observação da evolução psicológica e social da criança e à finalidade pedagógica do Escotismo que é a atribuição progressiva e precoce de responsabilidade ao jovem.

Em cada um dos Ramos Pedagógicos, as crianças e os adolescentes experimentam uma grande autonomia e uma aprendizagem concreta da liberdade e das exigências da vida em comunidade.

Porque crê na palavra do jovem, e porque este procura que a sua palavra não seja virtual mas bem concreta, o Escotismo faz crescer cada jovem, atribuindo-lhe progressivamente verdadeiras responsabilidades, adaptadas à sua idade e competências.

### **2.1.5. SISTEMA DE PATRULHAS**

Especialmente na idade de escoteiro, o Sistema de Patrulhas, intuição genial de Baden-Powell, é o melhor pilar do método que permite a aprendizagem da verdadeira responsabilidade.

Para que sua aplicação seja frutuosa, é necessário reunir alguns jovens de idades diferentes, compreendidas entre os 12 e os 17 anos, de origem social e cultural variada, sob a autoridade do jovem com mais idade, que será o Chefe de Patrulha (CP). É este sistema que leva o jovem a assumir verdadeiras responsabilidades. Responsabilidade das missões dentro da patrulha, em primeiro lugar e, depois, responsabilidade global do CP. Esta última responsabilidade, se bem que supervisionada, situa-se no mais alto nível. É o que expressa o CP na sua oração: “Senhor Jesus Cristo, que apesar da minha fraqueza me escolheste para Chefe e guardião dos meus irmãos escoteiros (irmãs guias)”. O CP é por isso, mais que um simples encarregado do projeto, substituível em função das situações. Note-se a extraordinária riqueza desta progressão pedagógica e sobretudo, a sua coerência com o princípio do método que, relembramos, visa o desenvolvimento da totalidade da pessoa: corpo, espírito e alma!



Cada um é indispensável à vida da Patrulha. Do mais novo ao mais velho, com vista ao seu desenvolvimento pessoal, cada jovem tem à sua medida uma verdadeira responsabilidade, plena e inteira. O Escotismo é assim uma escola da autonomia pela aprendizagem da responsabilidade.

### **2.1.6. UMA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA PARA RAPAZES E MOÇAS**

Já há dezenas de anos que a educação mista foi imposta no domínio escolar: atualmente, faz parte da paisagem diária das crianças e dos jovens .

Esta situação apresenta incontestavelmente aspectos positivos: os meninos e as meninas não são mais educados na ignorância do outro sexo. Mas no que diz respeito à educação, torna mais difícil reconhecer a identidade plena de cada um. A mistura generalizada não permite o recolhimento necessário para que cada jovem se situe e descubra a sua identidade própria. Para além disso, verifica-se atualmente uma forte tendência para sexualizar todos os comportamentos e todas as relações homem/mulher. Sob o efeito poderoso da imagem normalizadora veiculada pela mídia, favorece-se a generalização de atitudes baseadas nas relações sexuais dos adultos, onde a emotividade e a afetividade, que não podem ser senão mal dominadas nesta idade, são as únicas regras de conduta propostas aos jovens.

Numerosas vezes se fazem hoje ouvir para sublinhar a importância de uma educação diferenciada para rapazes e moças. As Guias e Escoteiros da Europa praticam esta diferenciação desde a origem do Movimento. Numa sociedade totalmente mista, nós propomos hoje um espaço específico para rapazes e outro para moças.

O objetivo educativo é:

- Permitir aos rapazes e moças a expressão e afirmação da sua identidade própria: as necessidades físicas e psicológicas, os centros de interesse, os modos de afirmação da personalidade são diferentes; num grupo misto, a tendência é mais de impor a norma masculina (linguagem, vestuário), o que é pouco respeitoso da identidade feminina;



- Respeitar as diferenças de maturidade psicológica, tanto na infância quanto na adolescência. A maturidade precoce das moças tem um efeito desvalorizador nos rapazes;

As atividades escoteiras são assim espaços de liberdade onde meninos e meninas podem desempenhar cada um o seu papel, o que lhes permite descobrir progressivamente a riqueza e harmonia das suas vocações pessoais no plano divino e a sua complementaridade: *“Deus criou o Homem à sua imagem... Ele os criou, homem e mulher” (Gen 1, 27)*;

Por isso que, ao favorecer e respeitar a formação de uma identidade própria no quadro de Unidades homogêneas e separadas, o Movimento procura igualmente levar à descoberta desta complementaridade: a criação de uma organização com duas seções, separadas nas suas atividades mas partilhando as mesmas regras, objetivos e o mesmo ideal, e reunidas na igualdade de poder e de responsabilidade ao nível dos mais velhos e dos adultos, é uma intuição notável de modernidade.

Em todos os níveis, os responsáveis, homem e mulher, agem conjuntamente. Na idade de Caminheiros e Guias-Maiores, as atividades de formação e de serviço comuns aos rapazes e moças são frequentemente organizadas no quadro do Clã ou da Chama.

A respeito de sua identidade e suas qualidades, eles vivem, pela prática das suas responsabilidades, uma experiência de complementaridade que os prepara diretamente para a sua vocação de colaboração harmoniosa na construção do mundo.

### **2.1.7. A VIDA NA NATUREZA E NA SOCIEDADE**

O Escotismo considera o jogo e a vida na natureza como um pilar essencial do seu método. As atividades desenvolvem-se principalmente na natureza, sob a forma de jogos e de aventuras atrativas e variadas, apelando à aquisição de técnicas de vida ao ar livre e de animação de grupos.

A natureza é uma escola de verdade. A criança encontra nela os ritmos essenciais e aprende a conhecê-la e a construir com ela para nela





viver, respeitando-a. A Guia e o Escoteiro consideram-na uma obra de Deus. Verdadeiro civismo na escola das florestas, o jogo escoteiro na natureza é uma aprendizagem que conduz ao serviço e ao compromisso na sociedade humana. Em função de cada idade experimentam-se ações de serviço concretas, eficazes e úteis.

## **2.2. MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ**

### **2.2.1. ABERTO A TODOS**

O Escotismo está aberto a todos, qualquer que seja a escolha filosófica ou religiosa da família. A diversidade de associações escoteiras e as escolhas feitas por cada uma delas garantem a cada família a liberdade de exercer a sua escolha. Consideramos essencial a existência de associações de Escotismo de outras religiões, confessionais ou não, e desenvolvemos com elas, se assim o desejarem, relações fraternas, respeitando as convicções de cada uma.

A Associação Guias e Escoteiros Católicos do Brasil está aberta a todas as crianças, sem discriminação de raça ou de meio social, e está fundamentalmente ligada à dimensão cristã da sua pedagogia escoteira: a um nível internacional, a União Internacional de Guias e Escoteiros da Europa está ligada a unidades ou associações de jovens da Igreja Católica, da Igreja Ortodoxa e das Comunidades Evangélicas provenientes da Reforma. Se houver pedidos suficientes, as unidades protestantes ou ortodoxas podem naturalmente constituir-se no quadro da nossa associação, mas formando unidades ou grupos distintos.

### **2.2.2. PROFISSÃO DA FÉ CATÓLICA**

No Brasil, a nossa associação de leigos faz, sem complexo ou arrogância, a profissão da Fé Católica:

- A caminhada espiritual e a prática religiosa estão integradas total e harmoniosamente à nossa pedagogia escoteira (respeito da regra de equilíbrio entre os Cinco Objetivos do Escotismo). É por isso que a Promessa das Guias e Escoteiros Católicos do Brasil, baseada no Batismo, chama cada um a agir como cristão e como escoteiro, a serviço da Igreja e dos homens;
- A nossa intervenção na Evangelização é para formar crentes



sólidos, aptos a serem missionários, na sua vida de jovens e de adultos, e a comunicarem a sua Fé, não só com convicção mas também com competência;

- Por isso, as crianças que acolhemos são batizadas na Religião Católica, ou comprometem-se numa caminhada de catequese enquanto neófitos (preparação para receber o Batismo). Neste contexto, muitas crianças são acolhidas nas Unidades sem serem batizados; elas escolhem, de acordo com a sua família, participar nas nossas atividades, aceitando uma reflexão espiritual no sentido do Batismo.

O Movimento acolhe-os com alegria, fiel à sua missão de Evangelização, no respeito à liberdade de cada um. Assim que a criança tenha tido o tempo necessário para que a sua reflexão atinja a maturidade, ela poderá escolher, de acordo com os seus pais, entrar numa caminhada catecumenal e pronunciar a sua Promessa de Guia-menor ou de Escoteiro. Ou então escolherá seguir a sua progressão escoteira num movimento não-confessional ou de confissão correspondente à sua escolha.

### **2.2.3. “POPULAR E ELITISTA”**

Uma vez estabelecida a posição da associação no plano religioso, escolhido e aceite pela família, a AGEBR rejeita toda a ideia de seleção de crianças que desejem praticar o Escotismo. A associação não é propriedade de nenhuma raça, casta ou partido baseados em critérios sociais ou outros.

Pretende, pela sua ação educativa, participar na formação de homens e de mulheres que se envolverão ativamente na vida da sociedade e da Igreja, com todas as suas possibilidades, com honestidade e retidão. A “elite” que ela espera ver sair dos seus ramos é assim uma “elite” de serviço e de santidade. Neste sentido, a AGEBR não recusa tal filosofia, desde que não seja uma seleção social, mas promoção do ser humano.

É assim proposto a cada um dar o seu melhor, qualquer que seja o seu talento e limite. Não é uma questão de nivelamento pelo inferior, nem de uma seleção pelo superior. É uma proposta educativa, feita a cada



moça e rapaz, para eles próprios. A nossa ambição é contribuir para tornar cada um melhor e mais responsável.

A competição não existe senão na relação consigo próprio: fazer hoje melhor que ontem, e amanhã fazer ainda melhor que hoje. Apenas o jogo coletivo permite a cada um tomar consciência da conjugação dos talentos individuais.

### **3. REGRAS DE FUNCIONAMENTO INTERNO**

#### **Uma questão de confiança e lealdade**

#### **3.1. ORGANIZAÇÃO GERAL**

Membro da União Internacional das Guias e Escoteiros da Europa (UIGSE), a Associação Guias e Escoteiros do Brasil - AGEBR subdivide-se em cinco níveis hierárquicos:

- Nacional;
- Província;
- Distrito;
- Grupo;
- Unidade.

Na sua forma ideal, o Grupo é composto por duas Unidades: uma Tropa e uma Alcateia para os meninos ou uma Companhia e uma Clareira para as meninas. As Unidades mais adultas (Clã ou Chama) são geralmente reagrupadas a nível de Distrito.

#### **3.1.1. Hierarquia do movimento, uma hierarquia de servidores**

A AGEBR é um movimento de jovens rodeados de adultos cuja função é deixar os jovens jogar o jogo escoteiro em segurança, num espaço de liberdade. Os responsáveis adultos determinam as regras de funcionamento das Unidades e asseguram o respeito das regras pedagógicas e do regulamento em vigor.

Colocada ao serviço das Unidades, a hierarquia fornece um quadro de animação e de formação, que estimula a reflexão pedagógica e favorece o enriquecimento do método escoteiro. Permite igualmente a



constituição de equipes especializadas (escoteiros marítimos, náuticos, alpinistas) e de grande técnica (expressão, animação, socorrismo, multimídia...), que participam no esplendor do Movimento.

A hierarquia estrutura o Movimento e assegura a sua homogeneidade. Favorece assim a sua unidade num espírito fraternal pela constituição de equipes em todos os níveis de responsabilidade.

### **3.1.2. Princípios de ação**

Este funcionamento fraternal baseia-se na aceitação e na transmissão de instruções. É ilustrado pelo “sempre prontos” (Semper Parati) que marca a aceitação da autoridade, muito diferente do “às suas ordens”, que marca a submissão à autoridade.

Três elementos devem estar presentes no espírito dos Chefes responsáveis, seja qual for o seu nível de responsabilidade (desde o Chefe de Patrulha até os Comissários Gerais):

- **Em primeiro lugar**, o sistema funciona apenas na confiança, lealdade e caridade: a investidura do Chefe é expressão solene da confiança trocada entre o Movimento e o Educador, aceitando a responsabilidade que lhe é confiada.
- **Em segundo lugar**, a Pedagogia dos Conselhos (sem a qual não há verdadeira prática de Escotismo) tem de ser utilizada plena e honestamente.

Em cada nível hierárquico do Movimento (Unidade, Grupo, Distrito, Província, Nacional), o Chefe responsável exerce a sua autoridade no quadro de um Conselho, que é a reunião do Chefe e dos seus subordinados diretos. Assim, o Conselho de Chefes de Grupo é composto pelo Chefe de Grupo, Conselheiro Religioso e Chefes de Unidade; é costume, e normal, convidar os Assistentes dos Chefes de Unidade.

- Nenhuma decisão importante, em relação à vida de um dado nível hierárquico, pode ser tomada fora do Conselho respectivo;
- O responsável do Conselho é responsável pelas decisões tomadas e pela sua respectiva aplicação.
- A regra do Conselho é a Lei do Escoteiro; confiança, lealdade,



fraternidade e alegria escoteira regem cada intervenção.

O Conselho de Chefes é o meio privilegiado de educar os jovens Chefes na reflexão e na tomada de decisão no quadro do seu serviço.

Esta Pedagogia dos Conselhos conduz também a vida das Unidades, e é ambiente privilegiado para a educação dos jovens:

- A Rocha do Conselho (Ramo Amarelo);
  - O Conselho de Chefes e a Corte de Honra (Ramo Verde);
  - O Conselho de Equipe, Fogo ou Clã (Ramo Vermelho).
- **Em terceiro lugar**, a autoridade conferida só deve ser usada para cada um assumir as suas responsabilidades e não para valorizar e satisfazer o ego.

Sendo uma escola de respeito, o Escotismo pratica o Princípio da Subsidiariedade. Cabe assim ao primeiro nível hierárquico possível, isto é, ao próprio jovem, a responsabilidade das ações que é capaz de assumir. Na aplicação deste princípio, o Escotismo convida cada responsável a *“servir os níveis subordinados e, em alguns casos, a substituí-los na tarefa que lhes foi confiada”*.

A delegação de autoridade a Adjuntos ou a Assistentes deve ser praticada, sempre que possível, pelo responsável hierárquico, que não se demite por isso da sua responsabilidade: ele permanece como um eventual recurso para os seus subordinados, e reserva o direito e o dever de controle.

Em caso de necessidade, a função, quando desprovida de titular, é assegurada pelo nível hierárquico superior.

### 3.1.3. ORGANIZAÇÃO

O nosso Movimento Escoteiro está organizado do seguinte modo:

#### Nacional

- O Conselho Nacional, eleito pela Assembleia Geral, dirige e rege a Associação. O Presidente Nacional representa a Associação junto às autoridades civis e religiosas e assegura a conformidade



da vida do Movimento com os estatutos e o regulamento interno, controlando a sua aplicação.

- Cada Setor (Feminino ou Masculino) é dirigido por um Comissário Geral assistido pela sua Equipe. Os Comissários Gerais conduzem as grandes orientações pedagógicas, as escolhas essenciais do Movimento e são responsáveis pela formação.
- Por delegação dos Comissários Gerais, os Comissários Nacionais de cada Ramo (Clã, Chama, Escoteiros, Guias, Lobinhos e Lobinhas) dirigem as orientações definidas e animam a pedagogia do respectivo ramo e a formação facultada nos Campos-Escola (1º, 2º e 3º grau).

### **Província**

Os Comissários Provinciais, dos Setores Masculino e Feminino, auxiliados por Assistentes específicos para cada Ramo (Lobinhos e Lobinhas, Escoteiros, Guias-Menores, Clã ou Chama), asseguram o desenvolvimento da Associação e disponibilizam os meios necessários para garantir a formação de Chefes; a um nível local representam o Movimento junto das autoridades civis e religiosas (região, diocese).

Cada Comissário Provincial, do Setor Feminino ou Masculino, anima o seu próprio setor.

### **Distrito**

- Os Comissários Distritais, dos Setores Feminino ou Masculino, auxiliados pelas suas equipes respectivas, têm por missão a animação e o acompanhamento do Escotismo local praticado em cada Grupo.
- O Assistente do Comissário Distrital (ACD) de cada Ramo, por delegação do Comissário Distrital e do Chefe de Grupo, aconselha e apoia os Chefes de Unidade na aplicação da pedagogia escoteira. Representa a competência pedagógica de proximidade, particularmente destinada a ajudar os novos Chefes.
- O Assistente dá a sua opinião pedagógica sobre os programas do ano e de campo, e sobre as escolhas dos Chefes de Unidade. Os



Assistentes do Comissário Distrital devem informar os Chefes de Grupo e os Comissários Distritais das suas intervenções junto às Unidades.

- A Chefe da Chama de Guias-Maiores ou da Equipe de Guias-Piloto ou o Chefe do Clã de Caminheiros ou da Equipe Piloto dirige a Unidade agrupando o nosso 3º ramo de idade. Esta Unidade é geralmente constituída a nível de Distrito ou Província.
- O Comissário de Distrito anima a Chama ou o Clã Interchefes, composto por todos os Chefes de Grupo, pelos responsáveis de Unidades e seus assistentes.
- Como acontece com a Província, uma equipe administrativa (tesoureiro, secretário, etc.) assegura as tarefas independentes da pedagogia.

Para cada um destes níveis hierárquicos, os assistentes pedagógicos são escolhidos de acordo com o Comissário Nacional do respectivo ramo. Não se pode impor a um responsável os seus assistentes. Antes pelo contrário, um responsável tem de rodear-se de assistentes cuja competência deve ser certificada pelos Comissários Nacionais.

## **Grupo**

Interlocutores privilegiados dos pais, os Chefes de Grupo são educadores; eles são a garantia do método praticado pelas Unidades do seu Grupo. Como adultos mais próximos dos jovens, devem ser para eles a imagem viva do ideal escoteiro. Vigiam a formação dos seus Chefes de Unidade, têm um olhar adulto sobre a organização das atividades, asseguram-se da segurança moral e física das crianças e do cumprimento do regulamento.

Em cada nível da estrutura já descrita, as equipes femininas e masculinas trabalham em estreita colaboração e têm o dever de chegarem a acordo uns com os outros.

Cada nível da hierarquia detém autoridade para organizar as atividades no seu âmbito (obviamente dentro dos limites legais e pedagógicos).

Todos os Chefes recebem o seu mandato dos Comissários Gerais, por proposta dos níveis intermediários.



A harmonia deste sistema de responsabilidade é necessária e depende de:

- Do bom conhecimento e respeito dos papéis e responsabilidades de cada um;
- Da qualidade do diálogo entre todos (pedagogia dos Conselhos - escutar atentamente - lealdade e confiança - bom senso);
- De uma justa visão comum da missão de educadores que nos é confiada.

### **3.1.4. UNIFORME**

Dentro da AGEBR, usamos um vestuário, igual para todos, que está descrito no Cerimonial do nosso Movimento. É esta homogeneidade do vestuário que nos permite falar de uniforme.

O uso de um uniforme não é exclusividade da nossa associação, pois numerosas associações ou organizações usam uniforme. Outros movimentos escoteiros estão ligados a esta prática (note-se o caráter “universal” do uniforme escoteiro).

O recurso ao uso de uniforme não é casual, mas sim resultado de um certo número de considerações pedagógicas:

- Reconhecer-se e fazer-se reconhecer como membro de uma comunidade, da qual nos orgulhamos e que partilha um mesmo ideal: a comunidade escoteira e, mais especificamente, a das União Internacional de Guias e Escoteiros da Europa - UIGSE-FSE, da Federação do Escotismo Europeu (o efeito de grupo e o espírito de equipe que fazem parte da natureza humana e que são um dos traços do Escotismo).
- Identificar-se pelo código oficial das insígnias: distrito, província. Podendo futuramente ser reconhecido por grupo, distrito, província, função e competência.
- Atenuar as diferenças sociais (o Escotismo é, na sua essência, um Movimento de educação popular).
- Permitir a quem o usa que esteja adaptado à prática do jogo escoteiro (sólido - cômodo - discreto).





Estas considerações têm como consequência:

- Que o uniforme, sendo propriedade de todos, deve ser respeitado por cada um. Se alguém o modificar (retirando ou acrescentando algo) para afirmar uma particularidade ou a sua individualidade, estará traindo a comunidade. Nas instituições públicas, civis ou militares, tal ato é proibido e pode ser motivo de sanções. Nós não temos a mesma vocação que elas, nem um arsenal diversificado de sanções. A nossa única arma contra esta falta é a censura fraternal e a confiança na lealdade de cada um, numa disciplina aceita livremente.
- As Guias e Escoteiros Católicos do Brasil não podem usar o seu uniforme a não ser em atividades organizadas pelo Movimento. Esta regra simples, de bom senso, não pode escandalizar ninguém, exceto os que utilizariam o seu uniforme para fins pessoais (fins que poderiam ser honrosos, mas que não são necessariamente os do Movimento). Tal atitude pode levar o Movimento a ser associado a atividades nas quais ele não deseja participar. Trair esta ordem é símbolo de deslealdade e falta de confiança. A hierarquia será culpada se não zelar pelo seu respeito.
- Se o princípio do uniforme deve ser respeitado seriamente, não se deve contudo fazer uma ideia definitivamente estabelecida de como ele é. Neste aspecto já houve evoluções. Novas alterações não poderão ocorrer senão por motivos pedagógicos e respeitando os estatutos da Associação brasileira e os da nossa União Internacional, e não sobre pressão midiática ou para ceder aos caprichos da moda.

### **3.1.5. O Cerimonial**

Tal como o uniforme, é um elemento importante que cimenta a nossa unidade. Deve ser conhecido, aplicado e respeitado, já que é simples e belo.

O Cerimonial é um meio educativo e não um fim em si mesmo. Foi inicialmente concebido para os jovens cujas estruturas mentais não estavam ainda estabelecidas. O Cerimonial marca e acompanha as etapas



importantes da vida escoteira da criança, que tem frequentemente dificuldade em se posicionar num mundo onde há falta de referências claras adaptadas a ela. Um pequeno livro agrupa todos os nossos costumes e fixa o desenvolvimento das nossas cerimônias. É importante, para a compreensão da criança, que este ritmo e estas referências não sejam modificadas conforme as interpretações de cada um.

Desrespeitar esta regra rígida de observação, ou contorná-la, é uma atitude desleal. As cerimônias organizadas sem apuro, ou com um rigor extremo, são atitudes que desprestigiam ou ridicularizam o Movimento. Estes excessos são contra as nossas tradições e pouco educativos. Os Chefes e Comissários devem exercer a sua autoridade no caso de haver “fantasias” e intervir, de “Cerimonial na mão”, num processo que deve ser fraternal e pedagógico, mas também firme.

### **3.1.6. SEGURANÇA**

A segurança que devemos dar aos pais é uma das principais preocupações dos responsáveis do Movimento. Mas é preciso ser realista: como toda a atividade humana, o Escotismo tem os seus riscos, que é preciso conhecer para melhor minimizar os efeitos.

Estes riscos estão ligados a dois fatores incontornáveis na medida em que são parte integrante do nosso método escoteiro:

- a vida na natureza em condições limitadas;
- as responsabilidades reais e diretas (ainda que controladas) dadas aos jovens.

Para minimizar estes riscos, reduzindo-os ao imprevisível, é preciso:

- Conhecer os regulamentos em vigor e as regras de segurança.
- Ter Chefes bem formados
- Exercer controle preciso e rigoroso sobre as atividades
  - Atividades durante o ano;
  - O acampamento anual;
  - O curso das atividades.



**Conheça os regulamentos em vigor e as regras de segurança**  
Reuni-los em um “livreto de segurança” de mais de cinquenta páginas amplamente distribuído no Movimento.

### **Ter chefes bem treinados**

Esta formação é garantida, no plano do espírito escoteiro, pelo método e técnica dos Campos-Escola, nos quais a competência do nosso Movimento é incontestável. Estes Campos-Escola, adequados a cada ramo, implicam três graus de progressão:

- CEP-1, o primeiro grau visa formar os Assistentes de Unidades;
- CEP-2, o segundo grau, os Chefes de Unidades;
- CEP-3, o terceiro grau, os formadores e responsáveis pedagógicos.

Os Campos-Escola são dirigidos por responsáveis chamados Mestres de Campo, todos titulares do terceiro grau de formação. Esta formação específica é organizada pela nossa associação. Entregamos assim os nossos próprios diplomas de formação sob a nossa responsabilidade. Estes permitem o enquadramento das crianças e jovens no interior da nossa associação.

Os Chefes que organizem atividades específicas (mar, rio, montanha) devem possuir as qualificações previstas pela regulamentação em vigor. Contudo, defendemos que as qualificações unicamente desportivas não estão adaptadas à pedagogia escoteira e à prática de Escotismo especializado, e que podem mesmo ser perigosas se não tiverem em conta a especificidade do Escotismo. É preciso igualmente conduzir os nossos jovens responsáveis de Unidades à maturidade, visto que as responsabilidades que eles assumem face a Deus e aos homens são indiscutivelmente responsabilidades adultas.

O Conselho de Chefes (reunião, por Ramo, de todos os Chefes de uma Unidade do Distrito ou da Província) é o espaço onde se deve efetuar esta formação e esta tomada de consciência. É preciso que os responsáveis adultos (Chefes de Grupo e Comissários) considerem este aspecto da sua missão como sendo prioritário. No caso de inadaptação do Chefe à sua tarefa, é da responsabilidade do Conselho de Chefes avaliar



a situação, não em função da amizade que se tenha para com os jovens Chefes, mas em função das responsabilidades que lhes são confiadas e das capacidades destes para as assumir.

A formação de adultos responsáveis é igualmente necessária. O bom conhecimento do jovem, dos problemas do jovem na sociedade, do contributo da pedagogia escoteira, do papel do adulto nesta pedagogia e os regulamentos em vigor, são absolutamente necessários. A boa vontade de “pais dedicados” não é o suficiente. É obrigatório que todos participem nas sessões de formação que são propostas.

Na Europa é proposto um Curso Nacional de Formação de Mestres e Comissários – *Stage d’Entraînement National des hautes Maîtrises et des COMmissaires* (SENAMCO). O primeiro Grau dirige-se aos Chefes de Grupo, o segundo aos Comissários.

### **Exercer um controle preciso e rigoroso das atividades**

As atividades das Unidades são organizadas pelos Chefes de Unidade. Mas devem ser supervisionadas pelos Chefes de Grupo e Comissários, que têm a responsabilidade moral e jurídica: são assistidos, para este efeito, pelos seus assistentes.

#### **A. Atividades durante o ano**

O controle de proximidade deve ser exercido em todas as atividades que decorram durante o ano e particularmente nas de fim-de-semana e pequenos acampamentos *que não necessitam de autorização escrita*, nas explorações, nos Raids (Longas Pistas e Raids de Classe). O controle destas atividades é importante por ser o único a ser exercido. Não se trata-se de incomodar o jogo com uma presença intempestiva, mas de conhecer e vigiar o desenvolvimento das suas diferentes etapas, nomeadamente: Concepção; Preparação; Execução; Análise e Conclusão.

#### **B. Acampamento Anual**

Constitui o encerramento do ano escoteiro.



### A Preparação

A preparação do campo é feita pelo Chefe de Campo e seus Assistentes. No Escotismo, os Chefes de Patrulha estão associados a esta preparação. É materializada por um documento, *o dossiê de campo*. Este documento comporta uma parte de identificação e uma parte de ordem pedagógica. É supervisionado pela autoridade hierárquica e pedagógica, que dá os seus conselhos e as suas recomendações, e que, se for necessário, determina uma interdição parcial ou total da atividade.

### **C. A Autorização de Campo**

Com antecedência deve ser entregue, no Comissariado Nacional da Associação Guias e Escoteiros do Brasil - AGEBR, um pedido de Autorização de Campo.

- O organizador (Chefe de Campo) é o Chefe de Unidade.
- O responsável é o Chefe de Grupo.

A qualidade de Chefe de Campo é atestada pela Licença de Chefe de Campo atribuída pelos Comissários Gerais, depois de uma avaliação feita pela hierarquia (apreciação geral: maturidade, moral, capacidade, espírito escoteiro) e baseada na supervisão contínua e assiduidade na formação, e a opinião dos respectivos Comissários Gerais (apreciação pedagógica tendo essencialmente em conta a avaliação dos Mestres de Campos-Escola).

As Autorizações de Campo da AGEBR são dadas pelos Comissários de Distrito ou de Província nomeados, depois de uma avaliação pedagógica feita pelos seus assistentes ou por um especialista designado pelos Comissários Nacionais. Da decisão assumem plena responsabilidade.

### **D. Supervisão das Atividades**

Os campos podem ser objeto de visitas de um membro habilitado da hierarquia local (ou nacional, se necessário), que fará as observações necessárias sobre a apresentação do campo e redigirá um relatório que será enviado à hierarquia. A organização destas visitas de campo é da responsabilidade do Comissário da Província onde se realiza o



acampamento.

Além disso, qualquer acampamento pode ser controlado pelas autoridades administrativas. E ninguém pode escapar desses controles.

### **3.1.7. COMPORTAMENTOS INADMISSÍVEIS**

Se o Escotismo é uma escola de caráter e um espaço de liberdade, não se pode tornar um espaço onde se exprimem individualismos desprezando as regras comuns e as ordens dadas. Porém, podem surgir, no seio da nossa organização, práticas marginais que nós proibimos e que são contrárias à pedagogia escoteira ou às obrigações legais. Reiteramos aqui, solenemente, estas interdições, particularmente nos seguintes casos:

#### **A prática de “cerimônias” de totemismo e praxes “trote”**

A prática de “cerimônias” de totemismo e trote devido aos riscos que derivam de cerimônias de totemismo (brutalidade - humilhação - paganismo - segredo), e mesmo sendo raras estas práticas extremas, o **Movimento proíbe-as desde sempre**. A todos os que, adultos ou não, defendam esta práticas em nome da tradição, é preciso lembrar que esse tipo de “jogo” não é fundamentalmente essencial à prática da nossa pedagogia e em vários aspectos contradiz os valores do nosso Escotismo. Por outro lado, possui potencialidades perigosas, quer física quer moralmente, suficientemente importantes para que não o autorizemos, e também para proteger os participantes destas cerimônias de possíveis sanções penais. É importante levar os adultos que apoiem esta práticas, incluindo os pais, a tomarem consciência deste problema.

#### **A constituição de redes ocultas**

As associações de Escotismo são por vezes alvo de grupos, mais ou menos secretos, que pretendem desenvolver-se a partir deste Movimento. Sob o pretexto do jogo, do segredo, do romantismo, da afirmação de uma convicção, da defesa exacerbada de uma tradição, demonstram, sobretudo, fraqueza de caráter e falta de discernimento. Este fenômeno pode amplificar-se naturalmente em períodos de crise.

Ainda que estes fenômenos atípicos sejam bastante marginais, não podemos, enquanto responsáveis por jovens, tolerá-los. São portas



abertas, não controladas, que podem servir de entrada a desvios graves e sectários. Que seja bem entendido que pertencer ou incentivar tais grupos só pode ser considerado como prova de grande deslealdade e contrária o método original de B.P., sua prática e seu espírito.

O jogo escoteiro é suficientemente rico para quem deseja levá-lo a sério, e por isso não é necessário adicionar-lhe tais práticas duvidosas.

### **3.1.8. AGRESSÕES, PEDOFILIA, PREVARICAÇÃO**

Estas situações referem-se ao domínio da moral humana e da honestidade.

#### **Posição do Movimento**

- Em situações deste tipo (se os fatos forem confirmados) a posição é óbvia: *o Movimento não pode tolerar tal ato*. A dificuldade não reside na decisão, mas sim na ação, sempre desagradável, de mostrar às pessoas que elas falharam na sua honra e atentaram contra a segurança moral e/ou física do outro.
- No que diz respeito, mais precisamente, a casos de agressão física ou sexual cujas vítimas são menores de idade, devem ser comunicados à justiça. A apreciação destas situações raras é muito delicada e necessita se apoiar na opinião e conselho dos responsáveis da hierarquia. Os quadros do Movimento, tal como os pais, devem contactar o Comissariado Nacional, que os orientará para quem os possa aconselhar. Os pais devem estar informados dos passos efetuados.

### **3.1.9. SITUAÇÕES DELICADAS**

Referem-se a situações de vida em desacordo com os princípios da Igreja, tais como desordens matrimoniais e adultério.

Na prática, os responsáveis adultos raramente são confrontados com situações difíceis. Mas caso isto aconteça, devem intervir enquanto educadores, por mais que lhes custe.

Não se trata de definir protocolos gerais de ação, pois cada caso deve ser abordado de um modo particular. Para ajudar os Chefes, parece-



nos contudo útil apresentar as posições do Movimento e algumas regras gerais de conduta.

### **Posição do Movimento**

- Neste caso, é ao nível da decisão a tomar que a situação se torna delicada. O Movimento, por ser católico, tem como seus princípios básicos os da Igreja. Tal como ela, devemos ter em conta casos particulares. Por exemplo, não se pode abordar um caso de divorciados que reconstituíram, ao longo dos anos, uma vida familiar exemplar, sendo discretos quanto ao seu passado doloroso e que caminham “com” e “na” Igreja, do mesmo modo que se aborda o caso de Chefes que, por motivos de comodidade, vivem provisoriamente juntos e se vangloriam ostensivamente do feito.
- Dito isto, cada um deve poder ajudar segundo as necessidades, suas disponibilidades e competências. As responsabilidades pedagógicas apenas devem ser confiadas a mulheres e homens cuja situação de vida está e se mantenha de acordo com os preceitos da Igreja.

### **3.1.10. Algumas Regras Gerais**

- Verificar bem as fontes de informação, sendo discreto durante a investigação. É preciso saber manter o seu sangue frio e o seu livre arbítrio. Recusar entrar num “jogo de mexericos”;
- Para a sua reflexão e decisão, o responsável deve procurar auxílio em alguém, não forçosamente escoteiro mas bem reputado pela sua sabedoria e discrição (pensar particularmente em padres que têm bastante experiência destes casos difíceis);
- Ser caridoso: nós não somos juízes e muito menos carrascos;
- Colocar-se no ângulo do educador tentando avaliar o impacto da situação nas crianças e jovens que nos foram confiados;
- Não deixar deteriorar uma situação;
- Ser firme na decisão, direto e franco (o que não significa ser bruto) na sua transmissão.





## **3.2. LUGAR DOS PAIS NO NOSSO MOVIMENTO**

Os pais confiam no Movimento ao confiar-lhe a sua criança; mas o Movimento necessita do seu apoio e presença ao longo de toda a vida escoteira.

### **3.2.1. OS PAIS E A VIDA DAS UNIDADES**

Os pais devem estar regularmente associados à vida das Unidades na qual estão inscritos os seus filhos: as reuniões regulares de pais permitem conhecer os Chefes, serem informados dos projetos de atividades, darem a conhecer a sua opinião sobre o funcionamento da Unidade e oferecer os seus serviços num plano material e logístico, em função da sua disponibilidade.

Esta ajuda, em si, é preciosa mas também é sinal de adesão ao Movimento e amizade pelos Chefes. Os pais não devem, no entanto, interferir no funcionamento pedagógico das Unidades.

As festas de Grupo são momentos de encontro e contribuem para criar um ambiente de amizade entre Chefes e pais e entre os próprios pais.

Nos Grupos podem criar-se “Associações de Pais e Amigos do Escotismo Católico”. Ainda que estas associações sejam independentes do Movimento, a sua existência apoia o Movimento a um nível local.

Funcionam segundo estatutos, a definir a nível nacional, que prevejam que:

- A associação tenha por objetivo dar apoio moral e material às Guias e Escoteiros Católicos do Brasil de um grupo ou localidade;
- Os pais ou amigos, que dela façam parte, estejam necessariamente de acordo com a proposta educativa e os Textos Fundamentais do Movimento;
- A associação se comprometa formalmente a não intervir em caso algum e de forma alguma no funcionamento das Unidades ou Grupos; ela não possa ser considerada como porta-voz do Movimento e não tenha nenhuma prerrogativa para o representar em qualquer ocasião que seja;
- O Chefe de Grupo ou o Comissário de Distrito seja o vice-



presidente por direito; os Chefes e Assistentes, bem como os conselheiros religiosos em atividade, sejam igualmente membros por direito.

### **3.2.2. OS PAIS E A PROGRESSÃO DAS CRIANÇAS**

Os contatos pessoais entre os Chefes e os pais são necessários para informar da progressão de cada criança. Uma boa comunicação é indispensável para que o Escotismo produza plenamente frutos na vida de cada uma. Acontece com alguma frequência, nomeadamente na adolescência, o jovem desabafar na sua patrulha quando tem dificuldades com a família. Os pais devem apoiar-se inteiramente no Escotismo como espaço de manifestação da criança, e por isso, devem facilitar a sua participação nas atividades.

### **3.3. LUGAR DO CLERO NO NOSSO MOVIMENTO**

A AGEBR é uma associação de leigos que tem por finalidade a educação humana e cristã de rapazes e moças. É indispensável, para atingir este objetivo, beneficiar-se do apoio de padres para animar, em colaboração com os Chefes, a vida espiritual e litúrgica das Unidades.

Os Conselheiros Religiosos (CR) são os sacerdotes que aceitam uma tal função junto das Unidades e equipes de Chefes. Fazem parte integrante da chefia e são convidados para todas as reuniões desta; o programa de atividades é estabelecido em comum com eles, para facilitar a sua participação. O Conselheiro Religioso é escolhido pelo Chefe de Grupo de acordo com o Comissário de Distrito.

Os Conselheiros Religiosos devem esforçar-se por conhecer os Textos Fundamentais, o Cerimonial e aprofundar o seu conhecimento do método escoteiro, de modo a ter em conta, na sua pastoral, especificidades do Escotismo e Guidismo praticados pelas Guias e Escoteiros Católicos do Brasil. Eles não substituem, contudo, os Chefes leigos. O que importa, antes de tudo, é que uma verdadeira relação de confiança e colaboração fraterna se instaure entre o Conselheiro Religioso e a chefia da Unidade.

Os Conselheiros Religiosos exercem a sua função junto de uma chefia de Unidade ou de equipe de um escalão territorial, sem nenhuma



subordinação hierárquica entre eles. A implantação de grupos nas paróquias é sempre desejável. Neste caso, recomenda-se, sempre que possível, pedir ao pároco ou a um dos seus vigários para exercer esta função.

## **4. A NOSSA RELAÇÃO COM O MUNDO**

### **Abertura e Lucidez**

Um movimento de Guidismo e de Escotismo que se não abraisse ao mundo, tendo essa possibilidade, falharia na sua missão. Esta tarefa não é fácil, num mundo fechado em si mesmo e pouco acolhedor do natural.

### **4.1. ESCOTISMO E SOCIEDADE**

O fundador do Escotismo desenvolveu o seu Movimento precisamente com o objetivo de ajudar a juventude, principalmente a que tinha mais dificuldades. Se nos referimos diretamente a ele devido ao método, seria desonesto não ter em conta a finalidade que o motivou.

O nosso Movimento já terminou o seu tempo de fundação e construção. Agora é adulto e sólido. O seu objetivo não é só manter e preservar o método escoteiro. Porque crê na sua riqueza, na sua modernidade e na sua pertinência, o Movimento tem o dever de propor o método escoteiro aos jovens de hoje. O Escotismo é uma oportunidade para os jovens. O Movimento multiplicará os contatos e iniciativas para dar a conhecer a sua proposta educativa específica.

O Movimento considera que pode prestar serviço para além da sua missão educativa. Não mais reivindicamos apenas a tradição; nós devemos orientarmo-nos para o todo social em nome do politicamente correto. Se nos abrimos ao mundo que nos rodeia é com a nossa personalidade e com a vontade de ir ao encontro do Homem no nosso domínio de competência, e não para pôr ordem nos sistemas sociais ou propor projetos alternativos de sociedade, pois não é essa a nossa vocação.

Baden-Powell definiria o Escotismo como “o civismo na escola



das florestas”. Pelas suas atividades, o Escotismo ensina os jovens a se tornarem cidadãos do amanhã e a serem capazes de assumir responsabilidades. Desde a infância à adolescência, desperta os jovens para as necessidades da sociedade e os faz descobrir que podem desempenhar um papel concreto e útil. É o sentido dos diferentes “serviços” organizados no quadro das atividades, e dos quais apresentamos alguns exemplos: animações à tarde e à noite em casas de retiro ou em hospitais infantis, campanhas de caridade em favor dos necessitados, limpeza de ribeiras e córregos, operações de repovoamento florestal, etc. O serviço aos outros está no seio da vida escoteira.

Além disso, decidimos oferecer mais precisamente nossos serviços em áreas:

- A oferta de patrulhamento para deficientes.

#### **4.1.1. ESCOTISMO E DEFICIENTES FÍSICOS SÃO COMPATÍVEIS**

É possível propor o jogo escoteiro a muitos jovens deficientes, mediante algumas adaptações, e assim oferecer a estes rapazes e moças a oportunidade de também eles participarem plenamente, ao seu nível, na aventura. Encontram aí, frequentemente, um desenvolvimento considerável.

Se a generosidade e o entusiasmo são necessários, não são contudo o suficiente. O desenvolvimento do acolhimento de jovens deficientes requer meios apropriados, e por vezes uma formação especial. O acolhimento de deficientes é sempre uma oportunidade para abrir o coração e educar para a diferença. Aquele que é acolhido constrói ele próprio o jovem de que não ousaria aproximar-se, simplesmente por não saber como abordar o outro. Aquilo que à primeira vista parece um obstáculo é rapidamente ultrapassado pela criança encorajada nesta caminhada.

#### **4.2. RELAÇÕES COM OS OUTROS MOVIMENTOS DE ESCOTISMO**



#### **4.2.1. SITUAÇÃO ATUAL**

Presentemente, existem no Brasil outras associações ditas escoteiras, não relacionadas com a AGEBR, descritas a seguir:

A União dos Escoteiros do Brasil (UEB) ou Escoteiros do Brasil (EB), fundada em 1924 a partir de três outras associações escoteiras existentes à época, membro reconhecido da Organização Mundial do Movimento Escoteiro (WOSM);

A Federação de Bandeirantes do Brasil (FBB), fundada em 1919, membro reconhecido da Associação Mundial de Guias e Escoteiras (WAGGGS);

Os Escoteiros Florestais, fundados em 1996, não filiados a nenhuma federação de vulto mundial;

A Associação Escoteira Baden-Powell (AEBP, nome fantasia “Scouts Brasil”), fundada em 2007, não filiados a nenhuma federação de vulto mundial;

A Federação de Escoteiros Tradicionais (FET), fundada em 2008, membro reconhecido da Organização Mundial dos Escoteiros Independentes (WOIS);

Existem ainda várias outras associações menores no Brasil que se identificam como sendo escoteiras.

Cumprе ressaltar que a prática do escotismo por cada uma dessas associações tem suas características próprias e, principalmente, que nenhuma delas é estritamente confessional (católica ou não), embora existam grupos específicos em algumas que dizem seguir essa linha de atuação. É importante que a diferença entre nossa Associação e as demais fique clara, especialmente na fase de implantação de grupos aspirantes, quando do contato dos adultos com as autoridades eclesiásticas locais, para evitar interpretações errôneas do que queremos e podemos oferecer



à Igreja. Isso não se faz destacando os pontos fracos que eventualmente existam nas demais associações, mas lançando luz sobre o que de melhor nós mesmos temos, isto é, a nossa Pedagogia. A boa e correta aplicação da Pedagogia constituirá a garantia, para o clero e para os fieis que quiserem unir-se ao nosso Movimento, de que caminhamos com a Igreja e a serviço dela.

#### **4.2.2. ESTADO DE ESPÍRITO DA AGEBR FACE A ESTES MOVIMENTOS**

Três grandes princípios orientam a nossa política nesta questão:

1. Vontade de manter e respeitar a diversidade de associações, garantia da liberdade de escolha educativa para os pais.
2. Vontade de construir uma verdadeira fraternidade a partir desta diversidade.
3. Mas vigilantes quanto a dois perigos:
  - Tentação de hegemonia de um Movimento que imporia a todos a sua maneira de viver o Escotismo, ainda que fosse em nome da organização, ou de apoio do Estado ou Internacional.
  - Ativismo infiltrante de pequenas associações, geralmente provenientes de dissidências, que apelam à universalidade da fraternidade escoteira (“*o escoteiro é irmão de todos os outros escoteiros...*”) para proteger o seu individualismo profundo baseado frequentemente na presença de um Chefe fundador carismático e venerado, e não numa exigência pedagógica.

#### **4.2.3. LINHAS DE AÇÃO DA AGEBR**

##### **4.2.3.1. RELAÇÃO ENTRE MOVIMENTOS**

- A AGEBR trabalha no sentido de:
- Promover um certo número de ações e de reflexões comuns às outras associações que, ainda que tenham a sua especificidade, têm evidentemente preocupações comuns.
- Ativar estruturas necessárias para um encontro entre os responsáveis de associações de Escotismo.



- Preservar a liberdade de ação de cada associação e não interferir nos assuntos internos de cada uma: nem ao nível de chefias, nem ao nível de grupo. Esta “política” não será eficaz se não houver reciprocidade.

#### **4.2.3.2. RELAÇÃO ENTRE JOVENS DOS VÁRIOS MOVIMENTOS**

A AGEBR encoraja o encontro de jovens no terreno como ocasião de festa de fraternidade: jogos, veladas, serviços. Mas, para que isso aconteça, é necessário que :

- seja na espontaneidade da juventude e do acaso dos encontros;
- seja numa atividade mais organizada, dentro da lealdade recíproca entre as hierarquias dos Movimentos.

Neste último caso é desejável que a atividade seja decidida e se desenvolva a níveis semelhantes (Unidades, Grupos...) e que as hierarquias dos Movimentos estejam prevenidas e de acordo. Na nossa associação os Chefes e Comissários têm poder para autorizar ou não autorizar uma atividade comum se certas regras de convergência de interesse pedagógico, de respeito mútuo, de boa conduta e de segurança não forem garantidas.

#### **4.2.4 ESCOTISMO INTERNACIONAL**

##### **4.2.4.1. SITUAÇÃO ATUAL**

A AGEBR não faz parte da União dos Escoteiros do Brasil, que por sua vez é filiada à Organização Mundial do Movimento Escoteiro (WOSM). A WOSM, por sua vez, não pode reconhecer mais do que uma associação ou federação por país, que no caso do Brasil, é a associação já citada.

Igualmente, cumpre ressaltar que a AGEBR não está ligada a nenhuma das outras associações supracitadas, nem a qualquer outra que eventualmente não esteja relacionada nesta lista.

Em contrapartida a AGEBR é membro de direito da União



Internacional das Guias e Escoteiros da Europa (UIGSE). Esta União encontra-se espalhada por mais de uma quinzena de países da Europa, e até mesmo fora do velho mundo, já possuindo representatividade mesmo nas Américas. Para lá das fronteiras, propõe um mesmo Escotismo e organiza diferentes atividades de âmbito internacional: encontros, geminações, acampamentos, EuroJam, Euromoot, etc...

A UIGSE está reconhecida como Organização Não-Governamental (ONG) pelo Conselho da Europa, com estatuto consultivo, participando ativamente através dos seus representantes nos trabalhos deste organismo no que diz respeito à juventude ou à família, e está reconhecida como Associação Internacional Privada de Fiéis de Direito Pontifício pelo Vaticano.

#### **4.2.4.2. POSIÇÃO DO MOVIMENTO**

- A nossa Associação reconhece a importância da dimensão internacional do Escotismo.
- Está profundamente ligada à UIGSE por laços fundamentais que nos unem numa mesma comunidade de ideal, de fé e de pedagogia.
- Concorde com os princípios fundamentais do Escotismo Mundial tal como estão definidos pela constituição e regulamento adicional de Julho de 1983 (Capítulo 1, art. 1, 2 e 3) da Organização Mundial do Movimento Escoteiro (WOSM), segundo o método escoteiro original que ela utiliza (educação diferenciada, três ramos de idade, prática do sistema de patrulhas...).
- A dimensão espiritual e a ligação a uma religião não constituem causas de incompatibilidade: antes pelo contrário, são parte integrante da constituição da WOSM. Apenas uma visão errada da laicidade (considerada como oposta ou indiferente a toda a religião e não como aceitando todas as religiões) permite julgar “incompatível” a nossa vontade de referência explícita a uma dimensão cristã do Escotismo.





### 4.3. A AGEBR NA IGREJA

#### 4.3.1. SITUAÇÃO ATUAL

A Igreja no Brasil tem demonstrado uma abertura em relação à Associação Guias e Escoteiros Católicos do Brasil – AGEBR, com Padres e Bispos que manifestaram um apoio incondicional à AGEBR.

A AGEBR está presente nas organizações que a Igreja tem, como interlocutores entre Ela e os fiéis leigos para o seu melhor desenvolvimento e integração na vida eclesial.

Assim, a AGEBR participa da vida da Igreja nas delegações juvenis das dioceses em que está estabelecida, na catequese, nos serviços próprios em nível paroquial.

A AGEBR deseja e trabalha ativamente pelo reconhecimento como Associação Privada de Fiéis dentro da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, seguindo o exemplo das associações irmãs como a italiana e a francesa.

#### 4.3.2. POSIÇÃO DO MOVIMENTO

- A AGEBR é uma associação dirigida por leigos responsáveis pela pedagogia que compreende também a pedagogia da fé.
- A sua missão na Igreja é de participar na educação pelo método escoteiro, numa perspectiva cristã de jovens que estarão aptos a assumir as missões de evangelização desejadas pela Igreja.
- A AGEBR felicita-se pela aproximação entre o Movimento e a Igreja e fará tudo o que estiver ao seu alcance para que estes laços permaneçam e se aprofundem.
- Consequentemente, a AGEBR declara praticar e referir-se ao rito atualmente em uso na Igreja Católica latina (Missa dita por Paulo VI - Missal de 1969), nos eventos internacionais.
- A ***título excepcional*** e em prol da comunhão eclesial, os Comissários Gerais podem autorizar unidades a se beneficiar do ministério de seus Conselheiros Religiosos celebrando de acordo com o Missal de 1962 (a chamada liturgia tridentina ou de São



Pio V), sob condição, claro, que os padres que assumem as funções de Conselheiros Religiosos estão em comunhão com o Bispo local, desde que todos os pais do crianças nessas unidades foram avisadas.

- Além do Grupo ou da Unidade (Distrito, Província ou Atividade Nacional), é a liturgia comum que deve ser usada.

#### 4.4. A ASSOCIAÇÃO GUIAS E ESCOTEIROS CATÓLICOS DO BRASIL E A POLÍTICA

Se definirmos a política como a participação na vida da cidade, é certo que um Movimento de educação como o nosso tem uma dimensão política. Contudo, a AGEBR proíbe toda a participação na vida política partidária como já demonstrou claramente em várias ocasiões. Recorda aos seus associados que têm, sobre este assunto, obrigações de reserva. O texto que se segue esclarece a nossa posição:

- As Guias e Escoteiros Católicos do Brasil têm o direito e o dever, enquanto cristãos e cidadãos, de se interessarem pela vida política. Contudo, enquanto Movimento de Educação, a AGEBR e seus associados não podem estar submetidos a nenhum partido político e devem zelar pela integridade da sua independência absoluta.
- Para este efeito, a AGEBR deu orientações rigorosas a toda a hierarquia para garantir a proteção das suas listas de associados, e proibir a divulgação, a quem quer que seja, independentemente dos motivos, dos nomes e endereços dos seus membros associados.
- Deste modo, os seus membros, e particularmente aqueles que exercem uma responsabilidade em qualquer nível, devem evitar tudo o que possa comprometer a Associação num plano político.

Considerando o que foi dito anteriormente, achamos prudente aconselhar qualquer pessoa que exerça uma atividade dentro da Associação a:

- Não aceitar responsabilidades políticas nem nas estruturas de um



partido, nem num mandato que tenha sido eleito com o apoio de um partido;

- Não participar de nenhuma campanha eleitoral partidária.
- Não usar o Movimento no debate político, por exemplo como elemento de Profissão de Fé, no âmbito de uma campanha, nem usar membros e estruturas do Movimento (isto aplica-se mesmo aos membros mais antigos em virtude da Lealdade escoteira).
- Informar a sua hierarquia no caso de ter exercido funções políticas antes de se juntar à associação.

## CONCLUSÃO

Ao afirmar que o Escotismo é o *civismo na escola das floresta*, Baden-Powell sublinhou que a vida escoteira na natureza levava a um compromisso ao serviço da cidade. A Carta de Princípios Naturais e Cristãos do Escotismo Europeu, que figura entre os Textos Fundamentais adotados também na AGEBR, relembra, no seu artigo 8, a importância do Escotismo ligado à formação do “*homem social: ensina o amor à pátria, o sentido da honra, da verdadeira fidelidade, o respeito pelo compromisso aceito, o gosto pelas responsabilidades cívicas no quadro das comunidades naturais*”. O Escotismo conduz progressivamente à descoberta de uma concepção cristã da vida social, expressa na doutrina social da Igreja, que coloca em primeiro plano a dignidade de todo o homem.

A construção de um Brasil unido e fraterno (conforme o 3º princípio da Associação Guias e Escoteiros Católicos do Brasil) é outra dimensão do nosso Escotismo. Estamos convencidos que a redescoberta e a tomada de consciência das raízes espirituais que valeram ao nosso país o epíteto de Terra de Santa Cruz desde os princípios de sua evangelização constituem uma oportunidade para construir o Brasil de hoje. Os Escoteiros da Europa foram brilhantes precursores no relançamento da peregrinação a Santiago de Compostela em 1975. Não se trata de reconstruir a cristandade da Idade Média, mas de comprometer cada jovem na participação da Nova Evangelização e da vida na Igreja, para a qual João Paulo II nos chama. No nosso modesto lugar contribuimos para isso.



A Associação Guias e Escoteiros Católicos do Brasil, graças à sua experiência enraizada na tradição escoteira e à qualidade pedagógica das suas equipes nacionais, providencia os meios para se viver a fundo todos os elementos deste método, que é harmonioso e equilibrado. Acreditamos na tradição escoteira para desenvolver os seus alicerces, mas isso não faz de nós pré-históricos. Em vários aspectos, novidades ou precisões enriqueceram este método (a redescoberta e prática dos Sistema de Patrulhas, os Postos de Ação nas patrulhas, o sistema de provas de classe com *Minimum International Baden-Powell* – MIBP (nível técnico mínimo exigido de todos) e Testes de Aptidão – TA (cursos técnicos escolhidos e adaptados de acordo com cada menino e cada menina), Hora Rota (momento da nossa espiritualidade) e Momentos de Reflexão (Tempo de reflexão e meditação oferecido aos mais velhos, esses momentos são vividos no deserto “sozinhos”).

O método permanece, e o Movimento também. Este deve ter em conta o contexto social e cultural no qual vivem os jovens de hoje; adaptações ou evoluções foram, e serão ainda, indispensáveis para continuar a interessar os jovens pelo Escotismo. Todo o mérito consiste em não fazer nada que possa deturpar ou desvirtuar um método que continua pertinente e moderno, e é preciso, acima de tudo, nos esforçarmos para o conhecer e aplicar o melhor possível. É esta a primeira missão de todo Chefe.

Afirmamos com convicção que o Escotismo é uma oportunidade e uma riqueza para os jovens de hoje, para a nossa sociedade, para a Igreja. O nosso Movimento tem demonstrado a sua maturidade e contribui assim para construir o Escotismo do 3º milênio.

**Comissário Geral Escoteiro**  
**Marcos Jolbert Cáceres Azambuja**

**Presidente da AGEBR**  
**Denis Duarte**



Guias e Escoteiros Católicos do Brasil  
Movimento Escoteiro Católico Brasileiro



# PONTIFICIUM CONSILIUM PRO LAICIS

1130/03/AIC-15a



## **DECRETO**

A União Internacional das Guias e Escoteiros da Europa – Federação do Escotismo Europeu teve o seu início durante um encontro entre jovens chefes escoteiros alemães e franceses, a 1 de Novembro de 1956 em Colônia, na Alemanha. Na sequência desta reunião, constituiu-se uma associação internacional de escoteiros, segundo o espírito de alguns fundadores do escotismo católico, como o Padre Jacques Sevin, SJ, o Prof. Jean Corbisier e o Conde Mário di Carpegna, que se esforçam por introduzir o programa educativo do escotismo nos meios católicos no início do século XX. O casal francês Perig e Lisig Géraud-Keraod merecem uma menção muito particular, já que foram responsáveis pela União durante muitos anos, contribuindo para lhe dar um grande impulso.

Desde há quase cinquenta anos, que a União desenvolve um programa pedagógico específico, concebendo o escotismo como um meio de apostolado no seio da Igreja para a formação humana e cristã dos jovens, no quadro da vocação universal para a santidade à qual todos os cristãos são chamados (cf. Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*, 40). Como se pode ler nos Estatutos Federais, “A União visa reunir numa mesma comunhão de fé, de oração e de ação, as diversas associações nacionais das Guias e Escoteiros da Europa, cujo fim essencial é formar os jovens para a prática do escotismo tradicional de Baden-Powell, sobre as bases cristãs que são o fundamento da nossa comum civilização europeia” (cf. Estatutos Federais, 1.2.1).

O escotismo vivido na União está baseado sobre três pontos fundamentais: a Promessa, a Lei e os Princípios Escoteiros (cf. Estatutos Federais, 1.3), vividos segundo as exigências expressas por Cristo no Sermão da Montanha, que começa pelas oito Bem-Aventuranças (cf. Mt 5, 3-10), simbolizadas pelas oito pontas da cruz de Malta, emblema oficial de todas as associações membros da União.

A União considera como linha de orientação as palavras endereçadas por Sua Santidade João Paulo II – no decorrer da Audiência Geral de 3 de



Agosto de 1994 na Basílica do Vaticano – às Guias e Escoteiros da Europa que provêm de quinze nações reunidas por ocasião do seu segundo EuroJam (cf. Insegnamenti di Giovanni Paolo II, 17/2 – pp. 104-106). Este discurso marca uma etapa fundamental na vida da União, e é a fonte das suas linhas de ação.

A União acolhe, a título de "associadas", as associações que pertençam a outras Igrejas e comunidades eclesiais, no respeito dos princípios da Igreja Católica sobre o ecumenismo e sobre as disposições contidas no Diretório Religioso da União.

O Concílio Ecumênico Vaticano II e o magistério pós-conciliar deram uma atenção muito particular às formas associativas de participação na vida da Igreja, manifestando uma profunda estima e uma grande consideração a esse respeito (cf. Decreto sobre o Apostolado dos leigos *Apostolicam actuositatem*, 18, 19 e 21; João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal *Christifidelis laici*, 29).

Dentro desta mesma linha, no limiar do terceiro milênio, o Papa João Paulo II, escreve que “o dever de promover os diversos tipos de associações reveste-se de uma grande importância para a comunhão, quer sejam sobre as formas mais tradicionais ou aquelas mais recentes dos movimentos eclesiais; estas formas continuam a dar à Igreja uma vivacidade que é um dom de Deus e que constitui uma autêntica ‘primavera do Espírito’” (carta apostólica *Novo Millennio ineunte*, 46).

Por consequência:

Respondendo ao pedido apresentado ao Pontifício Conselho para os Leigos pelo Sr. Attilio Grieco, Presidente Federal da União Internacional das Guias e Escoteiros da Europa – Federação do Escotismo Europeu, solicitando o reconhecimento canônico internacional desta federação, assim como a aprovação dos seus Estatutos;

No seguimento de numerosas consultas e de um estudo aprofundado do texto estatutário;



Considerando a opinião favorável dos Bispos de vários países da Europa, desejando o reconhecimento pontifical da União;

Tendo em conta a vontade da União de manter relações de colaboração fraternal com as Organizações Internacionais Católicas pertencentes ao movimento escoteiro e reconhecidas pela Santa Sé;

Vistos os artigos 131-134 da constituição Apostólica Pastor Bonus, sobre a Cúria Romana, assim como o cânone 312, § 1, 1 do Código de Direito Canônico, o Pontifício Conselho para os Leigos decreta:

1º) O reconhecimento da União Internacional das Guias e Escoteiros da Europa – Federação do Escotismo Europeu como Associação Privada Internacional de Fiéis de Direito Pontifício, dotada de personalidade jurídica, conforme os cânones 289-311 e 321-329 do Código de Direito Canônico.

2º) A aprovação dos seus estatutos, devidamente autenticados e com um exemplar depositado nos arquivos do Dicastério, por um período ad experimentum de cinco anos.

Dado ao Vaticano, em vinte e seis de Agosto de dois mil e três, na festa da Bem Aventurada Virgem de Jasna Góra.

+ Stanislaw Rilko  
Secretário

James Francis Card. Stafford  
Presidente





Guias e Escoteiros Católicos do Brasil  
Movimento Escoteiro Católico Brasileiro



# PONTIFICIUM CONSILIUM PRO LAICIS

1465/08/AIC-15a



## DECRETO

Considerando o Decreto de reconhecimento da União Internacional das Guias e Escoteiros da Europa – Federação do Escotismo Europeu como uma Associação Privada Internacional de Fiéis, dotada de personalidade jurídica e a aprovação dos seus estatutos ad experimentum durante cinco anos, desde 26 de Agosto de 2003 (Prot. N.º 1130/03/AIC-15a);

Considerando a carta datada de 12 de Janeiro de 2008, transmitida pelo Sr. Giovanni Franchi de Cavalieri, como Presidente Federal da União Internacional das Guias e Escoteiros da Europa – Federação do Escotismo Europeu, questionando a aprovação definitiva dos estatutos pelo Pontifício Conselho para os Leigos;

Notando-se o desenvolvimento conseguido pela União desde o seu reconhecimento, ajudado pela preciosa contribuição trazida pelo método educativo do escotismo ladeado pela Fé Católica para a formação de novas gerações de jovens;

Considerando a possibilidade de aprovação definitiva dos estatutos da União Internacional das Guias e Escoteiros da Europa – Federação do Escotismo Europeu, não tendo qualquer modificações a ser inseridas no seu texto;

Considerando os itens 131-134 da Constituição Apostólica Pastor Bonus da Cúria Romana e o cânone 313, § 1, 1.º do Código do Direito Canônico, o Pontifício Conselho para os Leigos decreta:

1.º) A confirmação do reconhecimento da União Internacional das Guias e Escoteiros da Europa – Federação do Escotismo Europeu como uma Associação Privada Internacional Fiéis de Direito Pontifício, dotada de personalidade jurídica, de acordo com os cânones 298-311 e 321-329 do Código de Direito Canônico;

2.º) A aprovação definitiva dos estatutos da União Internacional das Guias e Escoteiros da Europa – Federação do Escotismo Europeu.

Dado ao Vaticano, em vinte e seis de Agosto de dois mil e oito, na festa da Bem-Aventurada Virgem de Jasna Góra.

+ Dr. Clemens

+ Josef Clemens  
Secretário

St. Card. Ryłko

Stanisław Card. Ryłko  
Presidente